

EDITORIAL

Este volume 13.1 da Revista do GEL se compõe de oito artigos de altíssima qualidade, que versam sobre temas relevantes e atuais da pesquisa em linguística, no Brasil e no exterior. É de se destacar a importância de seus autores que, aos nos confiarem seus trabalhos, confirmam o valor do nosso periódico no âmbito da produção científica e intelectual.

O artigo que abre este volume, de autoria de Zavaglia e Martins (UNESP), aborda o universo das cores em relação às singularidades de cada subdomínio cromático. Segundo as autoras, o léxico é a representação formal da percepção da realidade, expressando a categorização do conhecimento pelo ser humano. Nesse sentido, o artigo objetiva apresentar as simetrias e dissimetrias na representação linguística no caso das unidades lexicais formadas por nomes de cores e verificadas nas direções *italiano-português-inglês* e *português-italiano-inglês*. As autoras discutem dados culturalmente marcados, indicadores de que os casos de simetria são menos dependentes de fatos culturais específicos, ao contrário das dissimetrias que estão relacionadas a especificidades culturais.

O artigo seguinte, intitulado “Análise de uma cartilha institucional em uma abordagem modular da complexidade do discurso”, de autoria de Gustavo Ximenes Cunha (UFMG), promove uma aproximação entre a Análise do Discurso e os Estudos Organizacionais. Para o autor, essa aproximação se faz necessária para se compreender as organizações (públicas ou privadas) de uma perspectiva do discurso. Partindo da análise de uma cartilha em que uma agência reguladora do Governo Federal, a ANP, dialoga com agentes do mercado e seguindo os pressupostos teóricos da Análise Modular

do Discurso, o estudo permitiu identificar a imagem que a ANP projeta de si ao interagir, por meio da cartilha, com um setor da sociedade.

Alessandro Boechat de Medeiros (UFRJ), em seu artigo a respeito da recursividade dos prefixos no ambiente verbal, procura explicar a distribuição dos prefixos *re-* e *des-*, as relações semânticas e posicionais entre eles quando coocorrem e suas relações com a estrutura do sintagma verbal, adotando o referencial teórico da Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993). Segundo o autor, as propostas apresentadas oferecem argumentos para uma abordagem baseada em uma decomposição sintática do sintagma verbal – reproduzindo uma estrutura de eventos – e nas relações de escopo estabelecidas pelos operadores introduzidos pelos prefixos na estrutura de eventos sintaticamente representada.

Em seu artigo intitulado “As representações docentes sobre as causas da indisciplina na escola: de quem é a culpa?”, Elisabeth Ramos da Silva e Maria José Milharezi Abud, docentes da UNITAU, apresentam uma pesquisa realizada com 20 professores de língua portuguesa do ensino fundamental e médio que se queixavam da indisciplina em sua escola. Seu objetivo foi investigar quais as representações docentes acerca dos fatores aos quais eles atribuem o comportamento inadequado dos alunos. Os resultados revelaram que o professor responsabiliza a atuação docente como a maior causa dos atuais problemas de indisciplina na escola, isto é, nas representações desses docentes a culpa recai principalmente sobre sua própria atuação em sala de aula, o que acentua a sua desvalorização e a perda da autoridade junto aos alunos.

Ubiratã Kickhöfel Alves (UFRGS) e Adelaide Hercília Pescatori Silva (UFPR) discutem, em seu artigo, as premissas de base realista direta e ecológica do *Perceptual Assimilation Model-L2* (PAM-L2) (BEST; TYLER, 2007), apontando seus principais aspectos, e os desafios teórico-metodológicos, advindos da concepção adotada pelo modelo. Em sua discussão, tratam da consonância entre a teoria de base do PAM-L2 e a realização de estudos laboratoriais; do poder explanatório do modelo frente à questão da transferência grafo-fônico-fonológica; da concepção ecológica e do debate ‘Segunda Língua’ vs. ‘Língua Estrangeira’; da aplicação ou não do modelo frente a estudos de treinamento perceptual; e a noção ecológica frente ao binômio ‘percepção’- ‘inteligibilidade’. Em suas considerações finais, os autores afirmam que essa discussão

mostra os desafios que devem enfrentar aqueles que trabalham a partir dessa perspectiva teórica, que, para eles, decorrem da grande empreitada de conciliar uma teoria ecológica, ambientalista, com procedimentos de laboratório que possibilitem validação das previsões de tal proposta. De suma importância, assim, é sua conclusão de que essa empreitada também se constitui como uma problematização teórica, a ser considerada conjuntamente por linguistas, psicólogos cognitivistas e filósofos.

O artigo seguinte, intitulado “*Splinters* são cruzamentos de cruzamentos? Repensando o estatuto desse constituinte em português”, de autoria de Gonçalves (UFRJ), Carvalho (UFRJ) e Andrade (UFRRJ), tem como objetivo checar, para o português, a validade da proposta de Tomaszewicz (2008), para quem *splinters* não constituem unidades de análise morfológica, sendo, na verdade, cruzamentos de cruzamentos. Para tanto, tomam por base as análises otimalistas sobre cruzamento vocabular empreendidas por Gonçalves (2005) e Andrade (2008), observando em que medida formações mais recentes, chamadas pelos autores de *splinters*, conseguem ser bem-sucedidas frente a um determinado *ranking* de restrições. Os autores focalizam a projeção de sequências não-morfêmicas à condição de *splinters*, e defendem, ao contrário de Tomaszewicz (2008), a relevância dessa unidade morfológica no português do Brasil. Desse modo, concluem que formas outrora caracterizadas pelo entranhamento de duas base podem, com a fixação de um padrão, adquirir condições ótimas para a isolabilidade das partes, o que nos autoriza a reivindicar o estatuto de morfema para as sequências analisadas.

Renato Caixeta Silva, do CEFET/MG, analisa o gênero quarta capa de livros didáticos de inglês com base nas ideias sobre gênero da Escola de Sidney, considerando-o como parte do contexto cultural escolar e comercial. O autor pensa em gênero como uma atividade linguística e social organizada em estágios e voltada a objetivos e, nesse sentido, faz uma análise linguístico-discursiva de aspectos ideacionais e interpessoais de dois exemplares do gênero, partindo da proposta de Martin e Rose (2003 e 2007). Sua análise evidencia a representação do livro didático de inglês, nesse gênero, como agente importante nos processos de ensino e aprendizagem, concluindo que é necessário incluir a discussão desse gênero em cursos de formação docente, na medida em que pode tornar esse profissional mais consciente do uso da língua, a respeito do que se diz sobre o livro, como é dito e com qual objetivo, informações relevantes para as decisões e análises de livros didáticos destinados ao ensino de inglês.

O último artigo é uma colaboração de autores do Brasil e de Portugal e trata da questão da extensão sintática na escrita de textos escolares. Martins e Marques apresentam um estudo de correlação estatística entre a extensão sintática e a progressão nos anos escolares em dois registros (narrativo e argumentativo) produzidos por crianças e adolescentes monolíngues de português europeu. Para a caracterização da extensão, utilizaram como medidas a frequência média de palavras por oração (BERMAN, 2007), a frequência média de palavras por unidade-t e a frequência média de orações subordinadas por unidade-t (HUNT, 1965 e 1970). Segundo os autores, os resultados mostraram que, por um lado, a extensão da oração, medida pela frequência média de palavras, não mantém correlação com a progressão escolar em nenhum dos dois registros avaliados e, por outro, a unidade-t, quer aferida pela frequência média de palavras, quer pela frequência média de orações subordinadas, só tem representação significativa nos textos do registro narrativo, não sendo detectado o mesmo para os textos argumentativos. Os autores concluem que, tendo em vista, por um lado, a contínua e sistemática exposição aos textos narrativos que se vê ao longo da progressão escolar e, por outro, uma inclusão do registro argumentativo mais cautelosa nas práticas de sala de aula, corroborada pelas proposições do Programa de Português do Ensino Básico, seria possível especular que a instrumentalização dos recursos sintáticos para a produção de orações e unidades-t que as crianças e os adolescentes possuem parece ser bem menos acionada nos textos argumentativos do que nos textos narrativos.

Como se vê, temos aqui um conjunto de artigos de peso. Em face às recentes restrições orçamentárias por que têm passado as universidades e os programas de pós-graduação, só podemos ressaltar o papel do GEL, e, por conseguinte, de seus associados, na manutenção deste periódico, que por ora ainda mantém sua periodicidade sem abrir mão da qualidade. A Associação tem investido fortemente em suas publicações, no que se refere, por exemplo, à sua indexação em bases eletrônicas e de identificação pública. Ao que só a temos a agradecer.

São Carlos, junho de 2016.

Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale

Editora da Revista do GEL